

Os conjuntos habitacionais da Aliança para o Progresso como paisagens da dependência econômica latino-americana

The housing complexes of the Alliance for Progress as landscapes of Latin American economic dependency

Los conjuntos habitacionales de la Alianza para el Progreso como paisajes de la dependencia económica latinoamericana

Aline Cristina Fortunato Cruvinel 

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/UFRJ).
Rio de Janeiro (RJ), Brasil
aline.cruvinel@fau.ufrj.br

CRediT

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Visualização; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: CRUVINEL, A. C. F.

Conflitos de interesse: Não há conflito de interesses.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Aprovação de ética: Não se aplica.

Uso de I.A.: Não se aplica.

Editores responsáveis: Daniel Sant'Ana (Editor-Chefe); Luciana Saboia F. Cruz (Editora Associada); Carolina Pescatori C. Silva (Editora Associada); Maria do Carmo L. Bezerra (Editora Associada); Leandro S. Cruz (Editor Convidado); Sara Cristina C. Zampronha (Assistente editorial); Sarah A. B. Vencio (Assistente Editorial); Pedro O. B. Pinto (Assistente editorial).

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar conjuntos habitacionais construídos com recursos do programa estadunidense Aliança para o Progresso (APP), a partir da categoria *paisagem da dependência*, de modo a explorar os aspectos históricos e econômicos que constituem a paisagem. Tais conjuntos originaram bairros que hoje mesclam o planejado e o não planejado em diversas capitais da América Latina e indicam que esta, em meio à tensão política da época, foi vista como um campo de experimentos para o planejamento urbano. A análise baseia-se na Teoria Marxista da Dependência e em estudos urbanos desenvolvidos por pesquisadores latino-americanos, assim como em documentos de bases arquivísticas nacionais e internacionais. O artigo tem como resultado a sistematização e análise de dados sobre conjuntos urbanos planejados e construídos em cinco países, com enfoque nos projetos: Vila Aliança, no Brasil; Ciudad Kennedy, na Colômbia; Colônia Kennedy, na Costa Rica; Lugano I-II e Ciudad General Belgrano, na Argentina; e Unidade Habitacional John Kennedy, no México. Conclui-se que os investimentos da APP na provisão de habitação popular e de melhorias urbanas têm relação com o aprofundamento da dependência econômica latino-americana e que os conjuntos são uma expressão socioespacial desse processo.

Palavras-Chave: Paisagem urbana; Conjuntos habitacionais; Urbanismo; Imperialismo; Dependência econômica; Latino-americanos.

Abstract

This paper aims to analyze housing complexes built with resources from the U.S. program Alliance for Progress, using the category of the *landscape of dependency* in order to explore the historical and economic aspects that constitute the landscape. These complexes gave rise to neighborhoods that today combine planned and unplanned elements in several capitals of Latin America, indicating that, amidst the political tension of the time, the region was seen as a field for urban planning experiments. The analysis is based on the Marxist Theory of Dependency and urban studies developed by Latin American researchers, as well as documents from national and international archival sources. The article presents the systematization and analysis of data on planned and constructed urban complexes in five countries, focusing on projects such as Vila Aliança in Brazil, Ciudad Kennedy in Colombia, Colonia Kennedy in Costa Rica, Lugano I-II and Ciudad General Belgrano in Argentina, and the John Kennedy Housing Unit in Mexico. It is concluded that the Alliance investments in providing affordable housing and urban improvements are related to the deepening of Latin American economic dependency, and these complexes are a socio-spatial expression of this process.

Keywords: Urban landscape; Housing complexes; Urbanism; Imperialism; Economic dependence; Latin American.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar los conjuntos habitacionales construidos con recursos del programa estadounidense Alianza para el Progreso, desde la categoría de *paisaje de la dependencia*, con el fin de explorar los aspectos históricos y económicos que constituyen dicho paisaje. Estos conjuntos dieron origen a barrios que hoy en día mezclan elementos planificados y no planificados en varias capitales de América Latina, lo cual indica que, en medio de la tensión política de la época, la región fue vista como un campo de experimentación para la planificación urbana. El análisis se basa en la Teoría Marxista de la Dependencia y en estudios urbanos desarrollados por investigadores latinoamericanos, así como en documentos de archivos nacionales e internacionales. El artículo resulta en la sistematización y análisis de datos sobre conjuntos urbanos planificados y construidos en cinco países, con enfoque en proyectos como Vila Aliança en Brasil, Ciudad Kennedy en Colombia, Colonia Kennedy en Costa Rica, Lugano I-II y Ciudad General Belgrano en Argentina, y la Unidad Habitacional John Kennedy en México. Se concluye que las inversiones de la Alianza en la provisión de vivienda popular y mejoras urbanas están relacionadas con el aprofundamiento de la dependencia económica latinoamericana y que estos conjuntos son una expresión socioespacial de dicho proceso.

Palabras clave: Paisaje urbano; Conjuntos habitacionales; Urbanismo; Imperialismo; Dependencia económica; Latinoamericanos.

1 Introdução¹

Há lugares nas cidades contemporâneas que apresentam, desde sua origem, aspectos intimamente definidos pelo contexto econômico em que foram produzidos. Estes aspectos, por sua vez, não raro são deixados de lado ou são pouco aprofundados na análise das paisagens urbanas, aparecendo como detalhes do processo de produção do espaço. Nesse cenário, este artigo parte da compreensão de que, mesmo que tais lugares sejam visitados, vivenciados cotidianamente e percebidos na paisagem através, por exemplo, da experiência local no tempo presente e da observação, seus aspectos histórico-econômicos não devem ser negligenciados. Ao contrário disso, devem ser considerados, investigados e aprofundados enquanto metodologia de análise da paisagem.

Apresenta-se, nesse sentido, um exercício de análise de alguns dos conjuntos habitacionais construídos com recursos do programa estadunidense Aliança para o Progresso (APP) a partir de aspectos históricos e econômicos, em diferentes escalas, que foram determinantes para sua construção. Para essa análise, utiliza-se a categoria *paisagem da dependência*, elaborada desde 2017 pelo Coletivo de estudos sobre Urbanismo e Periferia (PERIFAU – PROURB/UFRJ), sob coordenação do Prof. Dr. Cláudio Rezende Ribeiro. Em termos gerais, essa categoria é pensada como uma ferramenta para aprofundar e diversificar abordagens da história do urbanismo brasileiro e da América Latina, a partir da articulação entre estudos urbanos latino-americanos, a Teoria Marxista da Dependência (TMD) e a epistemologia decolonial, e tem sido aplicada em estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro.

A paisagem da dependência (Ribeiro, 2021) é compreendida como uma manifestação socioespacial da modernização coordenada pelo capitalismo dependente. Sua aplicação como categoria de análise se ancora na metodologia do materialismo histórico-dialético, através da qual a realidade é apreendida a partir da dialética existente entre objetos ou fenômenos que em um primeiro momento podem parecer desconexos. O materialismo, assim, busca a apreensão da totalidade dos fenômenos, e, nesse sentido, baseia-se na junção dos fragmentos que, quando lidos de modo integrado, podem explicar tais fenômenos.

O método materialista é especialmente pertinente para esse estudo porque permite uma leitura integrada do processo de construção de conjuntos habitacionais pela APP, de modo a contornar a fragmentação de sua história urbana. A noção de fragmentação histórica, aqui aplicada para o contexto urbano, é trazida dos apontamentos de Antonio Gramsci sobre a fragmentação da história dos grupos subalternos, como indicado em seu Caderno nº 25 (1999, p. 129), em contraponto à história dos grupos dominantes, que se mostra, em essência, unificada e sólida. Em relação à dependência econômica latino-americana, este trabalho se dedica à leitura da paisagem da dependência a partir da Teoria Marxista da Dependência (TMD), notadamente das obras de Marini (2013) e Santos (2020).

Viabilizados por meio de um programa que propunha o auxílio ao desenvolvimento dos países latino-americanos, através de empréstimos sob um discurso caritativo e de combate ao avanço do comunismo na década de 1960, os conjuntos habitacionais

¹ Este artigo apresenta resultados de pesquisa desenvolvida durante o Curso de Especialização em Sociologia Urbana, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ver mais em Cruvinel (2023).

analisados fazem parte das iniciativas da APP colocadas em prática na América Latina em diferentes áreas de atuação, dentre elas a do planejamento urbano. Segundo as palavras de John Kennedy, presidente estadunidense ao qual se atribui a implementação da APP, em reunião realizada em 13 de março de 1961 com diplomatas latino-americanos, o programa *Aliança para o Progresso* era definido como:

[...] um amplo esforço cooperativo, incomparável em magnitude e nobreza de propósito, para satisfazer as necessidades básicas do povo americano de moradia, trabalho e terra, saúde e escolas – *techo, trabajo y tierra, salud y escuela*. (Kennedy, 1961, p. 4, tradução nossa)

Conhecer a origem dos conjuntos habitacionais da APP se apresenta como uma peça-chave para compreender alguns dos problemas urbanos a eles relacionados, as possibilidades e também os limites do desenho e da atuação de arquitetos, sociólogos, antropólogos, engenheiros, economistas e demais profissionais envolvidos no planejamento urbano, bem como para avançar na análise entre teoria e prática, entre projeto e realidade, no contexto da América Latina. Como veremos, de fato existem poucos estudos que abordam de modo aprofundado a estreita relação entre projetos que a princípio parecem desconectados entre si por terem sido concebidos e construídos em diferentes países, por diferentes profissionais e sob diferentes governos. O próprio modo como o programa financiou projetos urbanos em países latino-americanos, através de atividades realizadas por órgãos estatais e mistos – como a COHAB, no Estado da Guanabara –, contribuiu para que a relação entre a produção de habitação popular na América Latina ao longo da década de 1960 e a ação da APP fosse interpretada como um detalhe, fragmentando a história urbana, esta capaz de revelar as conexões entre os conjuntos.

Assim, a investigação trazida nas próximas páginas concentra-se em um exercício de integração desses conjuntos enquanto manifestações socioespaciais de um mesmo processo econômico e traz aspectos de uma produção habitacional que está longe de ser conhecida e sistematizada em sua totalidade, ainda que seja possível vislumbrar em números, com bases em documentos oficiais da época, o impacto da APP na produção habitacional latino-americana. Segundo a historiadora Bárbara Ford:

A assistência dos Estados Unidos através da Aliança resultou em 250 mil unidades habitacionais em vários estágios de planejamento e construção, ao mesmo tempo em que agências públicas e privadas estão construindo 400 mil habitações com recursos próprios – apesar disso tudo, o déficit habitacional cresce para 1 milhão de unidades por ano e tal produção não chegou perto de resolver o déficit habitacional acumulado em 15 milhões de unidades. (Ford, 1968, p. 63, tradução nossa).

Além do número surpreendente de pelo menos 250 mil unidades habitacionais, frente ao pouco registro disponível que se tem dos projetos, um aspecto importante destes é sua relação com uma proposta de disseminar um estilo de vida moderno. Assim, inexpressivos para resolver a demanda habitacional real que a América Latina então apresentava, como colocado por Ford, os investimentos da Aliança ao longo de seus dez anos foram suficientes para atrair o interesse de diferentes classes sociais, dentre as quais a classe trabalhadora. O programa alimentava uma expectativa de melhorias nas condições de vida desta, para a qual o ideário cristalizado por um projeto de vida urbano e moderno abriu caminho para expandir uma cultura de consumo que até então se restringia à elite e às classes médias.

Considerando os aspectos políticos e econômicos relacionados aos projetos da APP e as formas de materialização do domínio estadunidense através das cidades latino-americanas, são analisados projetos construídos em cinco cidades: a Vila Aliança, no Estado da Guanabara (território da atual cidade do Rio de Janeiro), no Brasil; a Ciudad Kennedy, em Bogotá, capital colombiana; a Colônia Kennedy, em San José, capital da Costa Rica; o Lugano I-II e a Ciudad General Belgrano, em Buenos Aires, capital da Argentina; e a Unidade Habitacional John F. Kennedy, na Cidade do México, capital mexicana.

Utilizou-se como fontes de investigação artigos científicos, como os encontrados na base Scopus a partir da busca integrada dos termos “*Alliance for Progress*” e “*housing*”, destacando-se para o debate sobre as temáticas da arquitetura, do urbanismo e do espaço urbano a contribuição de Benmergui (2009) sobre o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Também utilizou-se como fonte de dados os periódicos disponibilizados na Hemeroteca e pertencentes à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), tendo sido pesquisados os termos “Aliança para o Progresso”, “Bairro da Aliança”, “Vila Aliança”, dentre outros. Além disso, destaca-se a contribuição de Gama (2022) sobre o papel da APP na produção de habitação popular e na construção da chamada Cidade da Esperança, em Natal, no Rio Grande do Norte, e de Aravecchia-Botas (2019), sobre a construção da Ciudad Kennedy, em Bogotá, bem como de documentos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e da JFK Library. Também são utilizados estudos urbanos desenvolvidos por pesquisadores de alguns dos países analisados que nos ajudam a entender a política habitacional na década de 1960, como Valladares (1978), Jaramillo e Scheingart (1983), García Peralta Nieto (2016) e Montes Ruiz e Durán Segura (2019).

Propostos como conjuntos de moradias a serem implementados em áreas predominantemente rurais, tais projetos deram origem a bairros hoje integrados ao tecido urbano. Essa integração, por sua vez, se deve ao fato de os conjuntos terem servido como núcleos de expansão de áreas periféricas, atraindo a ocupação de seu entorno por moradias autoconstruídas. Não por acaso, o conjunto Vila Aliança, que foi inicialmente projetado com 2.250 residências, tem uma população atualmente estimada em 70 mil habitantes. Da mesma forma, a Ciudad Kennedy, projetada com 12 mil unidades em uma área de 350 hectares, atualmente possui 1.034.838 habitantes em uma área total de 3.800 hectares, segundo dados oficiais de Bogotá.

Mais do que projetos pontuais, isolados, os conjuntos habitacionais da APP manifestam um modo de produção do espaço urbano latino-americano que mescla projeto econômico, projeto urbano e realidade, e que reverbera no tempo. Assim, ao apresentar dinâmicas próprias entre o planejado e o não planejado, tais conjuntos, ainda que esquecidos, têm exigido um olhar mais atento à sua história e à sua relação com o processo de aprofundamento da dependência econômica latino-americana.

2 Um exemplo brasileiro: a APP no Estado da Guanabara

A produção habitacional e de melhorias urbanas da Aliança para o Progresso no Estado da Guanabara ao longo da década de 1960 não raro pode ser confundida com a atuação da Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara (COHAB-GB). Isso se deve ao fato de alguns dos planos e projetos iniciados com recursos da APP terem recebido também investimentos nacionais. Estudiosos da temática, como Benmergui (2009, p. 304), associam a produção da APP a quatro conjuntos habitacionais: a Vila Aliança, em

Bangu; a Vila Kennedy, em Senador Camará; a Vila Esperança, em Vigário Geral; e a Cidade de Deus, que integrou o bairro de Jacarepaguá até a década de 1980, quando então se tornou um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro.

A realidade, no entanto, indica que o programa foi mais abrangente. Documentos históricos, como jornais da época (Aliança [...], 1962, p. 18), demonstram que a APP esteve vinculada à construção de outros conjuntos habitacionais, como o que originou o bairro Nova Holanda, que hoje integra o Complexo da Maré, assim como a outros projetos de urbanização de favelas e de melhorias urbanas, como o implementado na Favela da Vila da Penha. Os investimentos da APP foram importantes para reaquecer o setor da construção civil no Estado da Guanabara, que, como indicado por Valladares (1978, p. 33), até o final da década de 1950 se mostrava estagnado e para o qual o “fim da favela” abria a possibilidade de construção de conjuntos habitacionais em larga escala, sendo a APP uma grande aliada da política de remoções colocada em prática no período.

Ainda assim, mesmo os quatro conjuntos habitacionais comumente associados à APP carecem de maiores estudos sobre sua história e origem econômica. Nesse sentido, e tendo em mente que eles são uma parcela da atuação da APP, aqui é trazido de modo mais aprofundado o exemplo da Vila Aliança, o primeiro conjunto da APP no Estado da Guanabara.

2.1. A Vila Aliança

Em uma sexta-feira, mais precisamente em 2 de novembro de 1962, o jornal *Correio da Manhã* anuncia em uma de suas páginas: “Nôvo bairro surge em Bangu para favelados”, abrindo uma matéria dedicada ao chamado Bairro da Aliança, mais conhecido como Vila Aliança, que contaria com 2.250 residências para abrigar parte dos favelados da Guanabara e que receberia inicialmente famílias da favela do Bom Jesus. O projeto da Vila Aliança, segundo a publicação, totalizava uma área de 750 mil m² localizada entre a Rua Augusto Figueiredo e a Rua do Canal, em Bangu, bairro da zona oeste da cidade onde os novos moradores encontrariam os equipamentos urbanos, como escolas e postos de saúde, necessários para atendê-los (Nôvo [...], 1962, p. 8).

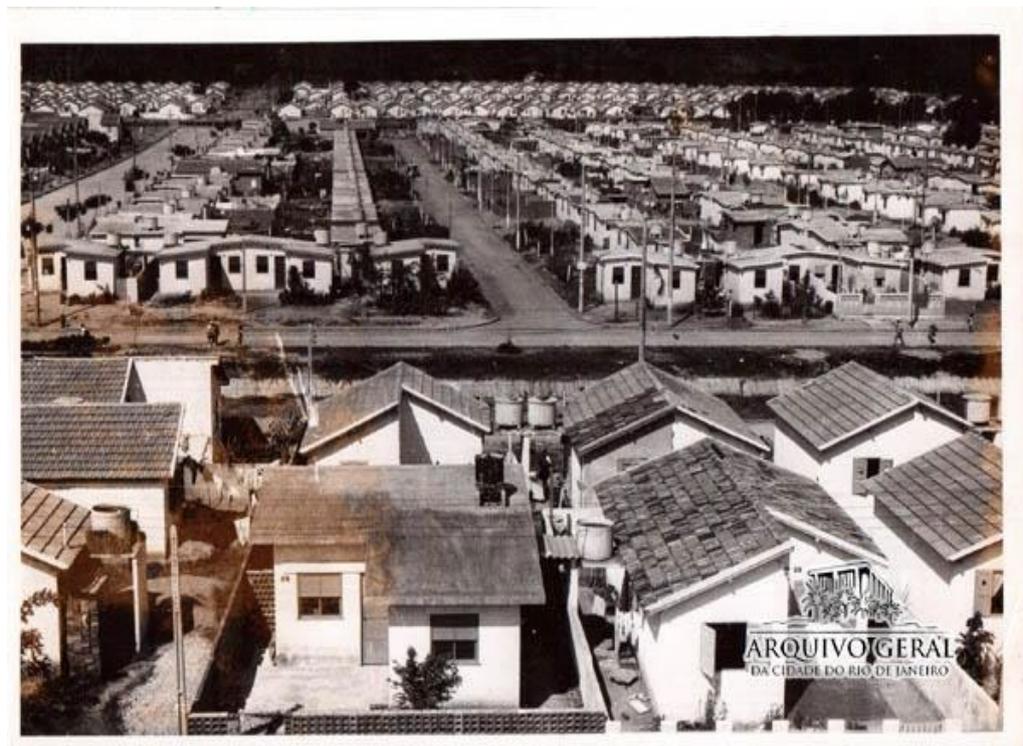
Na data em questão, ainda segundo o jornal, 400 moradias já estavam prontas, sendo 320 delas casas-embrião – isto é, compostas por sala, cozinha e banheiro, e destinadas a famílias de até quatro membros – e 80 moradias com essa mesma configuração, mas acrescidas de um dormitório, sendo destinadas a famílias mais numerosas e podendo ser ampliadas pelos moradores com o uso de recursos próprios e sem prejuízo à planta inicial (Nôvo [...], 1962, p. 8).

Lembrada pelos altos índices de violência que nas últimas décadas têm caracterizado o bairro de Bangu, a Vila Aliança foi oficialmente inaugurada no dia 10 de dezembro de 1962 (Governador [...], 1962, p. 3). Seu projeto consistiu na disposição das residências em uma malha reticulada ortogonal, adaptada na área próxima ao canal ali existente (onde hoje se localiza também a Avenida do Corretor), que inicialmente era um dos limites do conjunto. As ruas do conjunto recebem nomes de profissões: a Rua do Pedagogo, a Rua do Orador, a Rua do Cientista, a Rua do Funileiro etc., são exemplos disso. Há também o uso de termos relativos à APP, como acontece na chamada Rua do Progresso. Essa prática pode ser percebida em outros conjuntos da APP, não somente nas ruas, mas também na escolha dos nomes dos projetos: Vila Aliança, Vila Esperança, Vila Kennedy, Ciudad

Kennedy, Cidade da Esperança, dentre outros.

Nas imagens selecionadas, é possível perceber como era a paisagem da Vila Aliança em sua primeira década (Figura 1), como hoje ela já se mostra consideravelmente modificada, utilizando como exemplo uma das poucas ruas a que o *Street View* teve acesso (Figura 2) e como seria o perímetro do conjunto original, tendo como parâmetro as ruas com nome de profissões (Figura 3), que permanecem como uma das características do conjunto.

Figura 1: Vila Aliança na década de 1960.



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código BR+RJAGCRJ.CL.VPO.GEG.SES.HAB.33.7.

Figura 2: Rua do Siderúrgico, na Vila Aliança, atualmente.



Fonte: Google Street View, com captura de 2017.

Figura 3: Traçado inicial da Vila Aliança, na zona oeste do Rio de Janeiro, incorporando as ruas com nomes de profissões.



Fonte: Edição da autora, sobre imagem de satélite do Google Earth, capturada em 2020, sem escala definida.

Também há registros de que a mudança para Bangu não foi bem aceita por todos: enquanto alguns estavam felizes com a possibilidade de conquistar a casa própria e residir em um local, em tese, com infraestrutura, outros desejavam permanecer nas proximidades de seu trabalho, geralmente localizado na zona sul e nas áreas centrais da cidade. A realocação para Bangu implicaria em um deslocamento diário de aproximadamente 100 km (ida e volta) entre a zona oeste e a zona sul. Também há relatos de que as remoções das favelas da zona sul foram realizadas com coerção pelos agentes do governo, além de, após a mudança, alguns moradores terem se frustrado com o tamanho das casas (onde mal cabiam os móveis trazidos por eles) e com a infraestrutura precária, como as ruas de barro e a falta de circulação de transporte público.

Sobre esse processo, em matéria do jornal *A Luta Democrática*, publicada no início de 1964, menciona-se a remoção forçada de centenas de famílias faveladas do Morro do Pasmado para o bairro de Bangu, “de supetão”. A matéria também destaca que grande parte dos móveis teria ficado na calçada no novo bairro, por não entrarem “naquelas casas para esquimós”, com uma “construção vagabunda”, tal como reclamam seus novos moradores (Na base [...], 1964, p. 3). Em matérias do mesmo ano, o jornal sinaliza que a “revolução social” de Carlos Lacerda apresenta uma realidade diferente daquela

esperada por muitos, como, por exemplo, a da promessa de moradia gratuita – gratuidade que duraria apenas três meses (Migowski, 1964, p. 1). Com as políticas de remoção e com os investimentos significativos no setor da construção civil, o Estado passava a incorporar ao mercado imobiliário parcelas da população que antes constituíam o espaço urbano considerado informal.

No decorrer da década de 1970, o mesmo jornal publicou numerosos ofícios de despejo direcionados a moradores dos conjuntos da APP na Guanabara, citando nomes e endereço, de modo a gerar situações de constrangimento e indicando que o programa, se serviu como mecanismo para remover os favelados das áreas em valorização localizadas na zona sul, trouxe prejuízos a estes, como o aumento do custo e tempo no transporte, aumento de despesas com moradia e diminuição da renda familiar por conta do desemprego, tal como assinalado por Valladares (1978, p. 15) em seu estudo sobre a Cidade de Deus. Atualmente, o apagamento da memória da Vila Aliança e de sua origem traumática é sinalizado pela população local².

3 A APP em outros países da América Latina

Manifesta a partir dos conjuntos habitacionais que passaram a fazer parte do espaço urbano das cidades latino-americanas, a atuação da APP, no que diz respeito à produção de moradias populares, estabelece um conjunto de projetos que permite compreender a amplitude do programa e o papel dos debates então correntes no campo da Arquitetura e do Urbanismo para viabilizá-lo em nível continental por meio da escala local e no âmbito do indivíduo. Mais que isso, diante de um distanciamento histórico de seis décadas, deparar-se com os impactos que tais projetos, que constituíram paisagens que, por sua vez, ainda hoje materializam o poder do imperialismo estadunidense, possibilita entender, se não as origens, os impulsos de alguns dos problemas enfrentados pelas cidades da América Latina na atualidade.

A produção de conjuntos habitacionais em outros países da América Latina se deu de modo semelhante ao brasileiro no que diz respeito à implementação dos projetos através da atividade de órgãos estatais e mistos. Isso quer dizer que pesquisar informações sobre tais conjuntos implica necessariamente conhecer mais sobre as políticas habitacionais de cada país na década de 1960, o que resulta, por sua vez, em um exercício contínuo de comparação entre dados dispersos e de fontes diversas, como acervos nacionais e dados oficiais da APP.

Há, no entanto, diferenças. Assim, se no Rio de Janeiro encontramos o exemplo da Vila Aliança, dentre outros casos, em outras cidades latino-americanas que receberam recursos da APP podemos perceber o modo diversificado como se deu sua aplicação – inclusive no que se refere às soluções arquitetônicas e urbanísticas, bem como às possibilidades de participação popular –, de modo a reverberar as disputas e também o grau de organização das classes em cada país.

Temos um exemplo disso na cidade de Bogotá, na Colômbia, onde foi construído o conjunto habitacional Ciudad Techo, que começou a ser construído em 1961 (Figura 4) e foi renomeado como Ciudad Kennedy a pedido dos moradores após o assassinato do

² Abordo essa problemática na minha dissertação de mestrado (Cruvinel, 2020), na qual entrevistei moradores do bairro de Bangu, dentre eles Jeferson Cora, ex-morador da Vila Aliança, que produziu o vídeo “Vila Aliança – Memórias em Cinco Minutos” sobre as remoções dos favelados da Guanabara que deram origem ao conjunto. Jeferson relata a luta de membros de sua família e de moradores do conjunto pelo resgate da memória local e por espaços de cultura, lazer e ensino.

presidente estadunidense, possuindo atualmente cerca de um milhão de habitantes. Com um projeto de 12 mil casas, além de equipamentos urbanos previstos, como destaca Aravecchia-Botas (2019, p. 72), o conjunto trouxe ao debate das políticas habitacionais colombianas temas como a autoconstrução e a ação coletiva de moradores, assim como ideários do urbanismo moderno, como o da unidade de vizinhança.

Figura 4: John Kennedy no início das construções da Ciudad Kennedy (então Ciudad Techo), em 17 de dezembro de 1961.



Fonte: JFK Library, código JFKWHP-1961-12-17-E.

Aos olhos de economistas, a experiência apareceu como uma maneira de expandir o setor habitacional e de gerar empregos, assim como os investimentos estimulavam o deslocamento da população rural para os centros urbanos (Aravecchia-Botas, 2019, p. 73-74), sendo uma estratégia de expandir a acumulação capitalista sob a lógica do progresso e restringir a atividade de pequenos produtores. Nas Figuras 5 e 6, é possível perceber como o conjunto se encontra atualmente e a expansão de seu perímetro, demonstrando o expressivo crescimento do conjunto desde a construção de seus primeiros edifícios.

Pensar na forma, no programa de uso, nas tipologias, nos materiais e nos métodos de construção, assim, mostrava-se como um caminho possível para se trazer uma alternativa à realidade latino-americana, em grande parte marcada pela precariedade. Essa alternativa, no entanto, apresentava-se equivocada desde sua gênese, uma vez que os objetivos da Aliança, ao contrário de corroborarem a autossuficiência defendida no

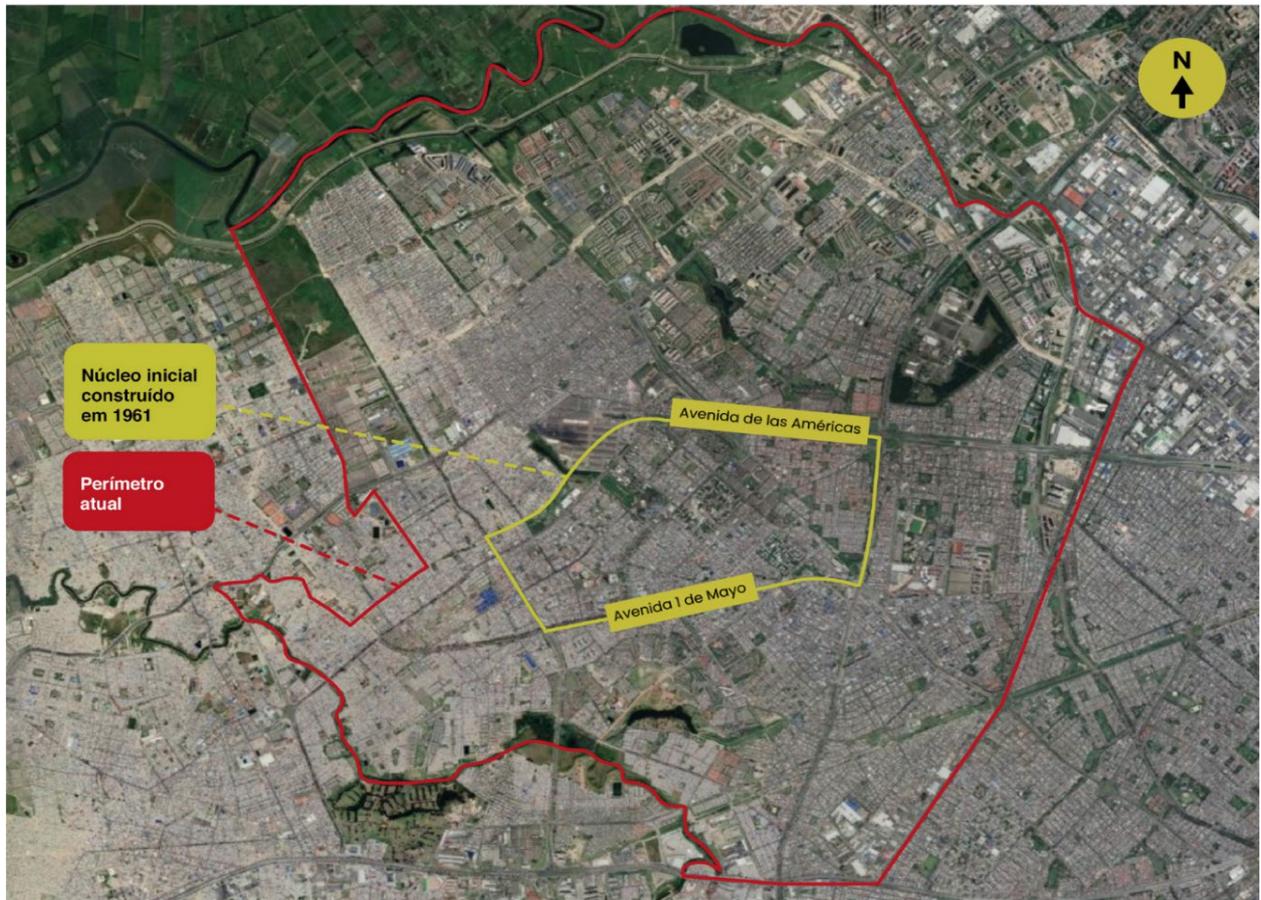
projeto urbanístico da Ciudad Kennedy, visavam uma maior dependência econômica da América Latina em relação aos Estados Unidos e estimulavam o endividamento dos países periféricos.

Figura 5: Carrera 78c, uma das ruas da Ciudad Kennedy, atualmente.



Fonte: Google Street View, com captura de 2019.

Figura 6: Perímetros do núcleo inicial e do território atual da Ciudad Kennedy, em Bogotá.



Fonte: Edição da autora, baseada em fotografias da planta inicial e no perímetro informado pelo Google Earth, sem escala definida. Base: Imagem de satélite do Google Earth, capturada em 2019.

Além disso, tais iniciativas apresentavam certas restrições, uma vez que as atividades executadas pelos órgãos de planejamento eram financiadas pela APP. Gama (2022), por exemplo, ao abordar a criação do conjunto Cidade da Esperança, em Natal, no Rio Grande do Norte, indica que profissionais envolvidos no projeto chegaram a participar de um *workshop* na Colômbia, realizado pelo CINVA e financiado pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Gama ainda destaca que o CINVA havia sido fundado em 1952 e em 1960 foi transformado em *workshop* para profissionais envolvidos nos projetos de habitação da Aliança em território latino-americano, com base em políticas de autoconstrução formuladas pelo planejador norte-americano Jacob L. Crane (Gama, 2022, p. 109).

Destaca-se também a ação do Programa Interamericano de Planificación Urbana y Regional (PIAPUR), no Peru, tal como indicado em documentos da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (United States Agency for International Development, USAID), e de entidades sindicais, como: a Alianza Sindical Cooperativa (ASINCOOP), também no Peru; o Sindicato de Trabajadores de La Tela Railroad Company (SITRATERCO), em Honduras, responsável pela construção, com recursos da APP, da Colônia SITRATERCO, em La Lima, cidade conhecida como “pequena Nova York”; e do Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (IADESIL), que, por exemplo, mediou a relação entre a APP e sindicatos paulistas para a construção da Vila Samuel Gompers, um conjunto habitacional de 448 apartamentos em São Bernardo do Campo.

Como também consta em relatórios elaborados pela USAID à época (USAID, 1963), processos similares são percebidos em outras cidades, como, por exemplo, em Caracas (capital da Venezuela), em San Salvador (capital de El Salvador), em Georgetown (capital da Guiana) e em San José (capital da Costa Rica). Nesta última, a APP construiu a Ciudadela El Bosque, renomeada Colônia Kennedy após a morte do então presidente estadunidense. Em sua visita ao país em 1963, Kennedy discursou sobre os investimentos feitos pela APP, enfatizando a união em prol da democracia, em um implícito contraponto ao avanço do comunismo, apresentado como tirano. Especificamente sobre as habitações, Kennedy ressalta que:

Às vezes é fácil para nós, vivendo nas capitais de nossas nações, desanimar com a natureza da luta, mas é aqui com vocês neste projeto, compartilhando suas conquistas, participando de seus trabalhos, que renovamos nossa fé e determinação para ter sucesso, pois neste projeto centenas de pessoas se mudarão para moradias dignas. Até 1º de outubro deste ano, quase 8.000 pessoas terão se mudado para casas financiadas pela Aliança para o Progresso e construídas com o trabalho do povo da Costa Rica, e em todos os países deste Hemisfério programas habitacionais semelhantes devem ser implementados. (USAID, 1963, p. 1, tradução nossa).

Como as imagens da JFK Library não indicam sua localização exata, foram consultadas comunidades virtuais, como o grupo do Facebook “*Costa Rica Antigua vista por el lente fotográfico de la Historia*”, para identificar o conjunto e descobrir a alteração de seu nome para Colônia Kennedy. Também foram encontradas informações sobre o conjunto nos relatórios anuais elaborados pelo Instituto Nacional de Vivienda y Urbanismo (INVU)³, que indicam detalhadamente a produção habitacional e urbana realizada no período,

³ Os relatórios do INVU podem ser consultados no *link*:
<http://www.asamblea.go.cr/sd/Memoriasgobierno/Forms/AllItems.aspx>.

demonstrando com gráficos, tabelas e desenhos técnicos a contribuição da APP para a implantação desse e de outros projetos, de modo semelhante ao que foi percebido no caso do Rio de Janeiro. Além disso, uma análise comparativa entre fotografias disponibilizadas pela JFK Library (Figuras 7 e 8) e imagens de satélite atuais (Figura 9) permite algumas observações.

O primeiro aspecto que pode ser notado é o processo de crescimento da cidade, que passa a englobar o conjunto habitacional, antes instalado em uma área entendida como rural ou suburbana, tal como aconteceu com os conjuntos no Rio de Janeiro, de modo que o próprio conjunto funciona como um novo núcleo que se expande nas décadas seguintes à construção. Além disso, nota-se a transformação expressiva das habitações, mantendo-se, no entanto, o traçado das ruas – o que, dado o exemplo da Vila Aliança, pode sinalizar problemas relativos à durabilidade das construções e à sua inadequação às demandas dos moradores. Por último, é importante destacar a própria confusão que pode acontecer na identificação da Colônia Kennedy em San José, uma vez que nos documentos de sua inauguração o conjunto é mencionado como El Bosque, mesmo nome de outro bairro atual da cidade.

Figura 7: Construções da Ciudadela El Bosque, em 1963.



Fonte: JFK Library, código JFKWHP-1963-03-15-F. Identificação do local realizada com informações coletadas no grupo do Facebook “Costa Rica Antigua vista por el lente fotográfico de la Historia”.

Figura 8: Vista aérea da Ciudadela El Bosque, em 1963.



Fonte: JFK Library, código JFKWHP-ST-C54A-218-63. Identificação do local realizada com informações coletadas no grupo do Facebook “Costa Rica Antigua vista por el lente fotográfico de la Historia”.

Figura 9: Perímetro da Ciudadela El Bosque (atual bairro Colônia Kennedy), em San José.



Fonte: Edição da autora, com base no perímetro indicado pelo Google Earth, sem escala definida. Base: Imagem de satélite do Google Earth.

Ao longo da pesquisa, também se notou a influência que a APP teve no imaginário local e na construção de uma ideia de união latino-americana no contexto da visita de Kennedy ao país, o que pode ser notado através do filme *United in Progress*⁴, escrito e dirigido por Charles Guggenheim e Richard Heffron, e que registra em vídeo alguns momentos da viagem, incluindo o discurso do presidente na então Ciudadela El Bosque. O registro histórico em questão demonstra como a visita do presidente gerou entusiasmo nos costarriquenhos, indicando a esperança de uma vida melhor através do progresso impulsionado pela APP.

Outros exemplos notórios de conjuntos habitacionais são o do Lugano I-II e da Ciudad General Belgrano, em Buenos Aires. Estes integraram o programa Parque Almirante Brown (PAB), parcialmente financiado com recursos da Aliança para o Progresso (APP) e que se configurou como um projeto de saneamento e recuperação da área sudoeste da capital argentina (Massidda, 2019, p. 5). Utilizando como base elementos da arquitetura e do urbanismo modernos, o PAB retomou aspectos discutidos nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) e presentes na Carta de Atenas, colocando em prática o zoneamento, de modo a prezar pelo ordenamento urbano, por espaços verdes, pelo uso de planos e pela ventilação, dentre outros fatores, como indicado por Massidda.

Diante disso, o PAB foi interpretado por muitos como um projeto inspirado no grupo de arquitetos Team 10, devido, por exemplo, à construção de edifícios de alta densidade e à separação entre os caminhos de pedestres e de veículos, ainda que, como ressalta Massidda, seja possível associar o programa a outras referências projetuais ou mesmo perceber diferenças entre as práticas do Team 10 e o que foi aplicado nos projetos do PAB. De qualquer forma, o PAB e notadamente os conjuntos habitacionais que fazem parte dele são um exemplo evidente das experiências modernas em território latino-americano impulsionadas por recursos da APP: com empréstimo para a execução da primeira etapa do PAB, a APP financiou a construção de pelo menos 6.440 unidades no conjunto Lugano I-II (Figuras 10 e 11) e 3.024 unidades na Ciudad General Belgrano (Figura 12), de um total de 50 mil habitações previstas para o PAB (Benmergui, 2009, p. 320).

Assim, não se expressando somente por meio de políticas habitacionais, a APP encontrou na moradia popular, entretanto, uma forma particular de colocar em prática alguns de seus objetivos centrais, de modo a visar a consolidação de um mercado consumidor de bens industrializados em escala continental, além de afastar a ameaça comunista em um momento estratégico em que se percebia sua crescente popularização por meio da Revolução Cubana, ainda na década de 1950. Benmergui (2009) também destaca a importância das políticas habitacionais para viabilizar um projeto de sociedade que pretendia atuar na transformação moral e comportamental do indivíduo, no sentido de popularizar hábitos até então atribuídos às elites e à classe média e, além disso, de defender a propriedade privada através do sonho da casa própria.

⁴ O filme, com uma duração de 29 minutos, apresenta um cenário geral da Costa Rica na década de 1963, com cenas de suas paisagens, de trabalhadores rurais e urbanos, além de trazer dois registros do presidente John Kennedy na ocasião de sua visita ao país. Ele pode ser visto no site da JFK Library, e foi acessado em 05-12-2022, através no link: <https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/USG/USG-01-04/USG-01-04>.

Figura 10: Lugano I-II em construção, na década de 1960.



Fonte: Archivo General de la Nación (Argentina).

Figura 11: Perímetro do conjunto Lugano I-II, em Buenos Aires.



Fonte: Edição da autora, sobre imagem de satélite do Google Earth, sem escala definida.

Figura 12: Perímetro da Ciudad General Belgrano, em Buenos Aires.



Fonte: Edição da autora, sobre imagem de satélite do *Google Earth*, com base em informações de Massidda (2019), sem escala definida.

De fato, o ambiente doméstico se mostrou um alicerce importante para a modernização social, sobretudo em uma área periférica da cidade reconhecida como rural, sendo, inclusive, orientado aos moradores não transformar seus quintais em “fazendas” (Benmergui, 2009, p. 304, tradução nossa), isto é, em espaços de criação de animais e de produção de itens de subsistência. O autor, ao analisar trechos de documentos elaborados como manuais de instrução e conduta para os novos moradores dos conjuntos criados em cada cidade por ele estudada, traz à tona o caráter disciplinador que os projetos carregavam consigo, em nome da modernidade e do progresso. Enquanto no manual da Vila Kennedy, por exemplo, constavam ilustrações de uma mulher branca cuidando da casa e dos filhos, no da Ciudad General Belgrano as novas habitações eram apresentadas como um local onde o trabalhador teria o necessário para descansar e se recompor depois de um dia de trabalho, de modo a incorporar as facilidades da vida moderna no seu dia a dia (Benmergui, 2009, p. 322).

No México, a APP também viabilizaria a construção de conjuntos habitacionais com projeto vinculado ao movimento moderno, como foi o caso da Unidade Habitacional Presidente J. F. Kennedy, em 1964, construída na Cidade do México para trabalhadores do sindicato de artes gráficas. Implantado no bairro Jardín Balbuena – que, por sua vez, recebeu esse e outros projetos vinculados à APP – o conjunto em questão foi concebido pelo arquiteto Mario Pani e seguiu a vertente funcionalista, com uma proposta que visava sobretudo a alta densidade habitacional. O conjunto mantém sua configuração, como pode ser percebido nas Figuras 13 e 14, além de se destacar em meio ao tecido urbano devido a suas tipologias arquitetônicas (Figura 15).

Figura 13: Unidade Habitacional John Kennedy em construção, na década de 1960.



Fonte: Archivo General de la Nación (México).

Figura 14: Unidade Habitacional John Kennedy atualmente, vista da Rua Nicolás León.



Fonte: Google Street View, imagem capturada em 2022.

Figura 15: Perímetro da Unidade Habitacional John Kennedy, na Cidade do México.



Fonte: Desenho traçado pela autora com base na observação de tipologias e em informações presentes em Díaz (2010), sobre imagem de satélite do *Google Earth*, sem escala definida.

A Unidade Kennedy, assim, fez parte de uma série de projetos colocados em prática e que instauraram a urbanização do Jardín Balbuena, processo associado à instalação de equipamentos urbanos voltados às atividades esportivas, como o da Ciudad Deportiva Magdalena Mixhuca, inaugurada ainda em 1958 e que receberia alterações para atender às atividades dos Jogos Olímpicos de 1968 (Díaz, 2010, p. 75). Com nome em homenagem ao presidente estadunidense assassinado, a Unidade possui 94 edifícios, tendo 4 tipos de plantas habitacionais diferentes e cerca de 3.000 apartamentos, além de espaços de uso coletivo, como praças, quadras e escolas.

4 Os conjuntos da APP como paisagens da dependência

Geralmente abordados de modo isolado, quando não esquecidos, os conjuntos habitacionais da APP, tal como exemplificado, compartilham uma origem em comum, ainda que sua materialização no espaço urbano de cada cidade envolvida apresente particularidades. De fato, em uma análise comparativa, é possível identificar diferenças que vão desde as premissas de projeto, que passam pelos materiais utilizados, e se estendem aos processos de implementação de cada conjunto.

Guardadas as especificidades, no entanto, esses exemplos – e também os outros projetos da APP aqui não abarcados – resultaram em uma maior dependência econômica da América Latina, expressando-se como paisagens desta, a partir da aliança estabelecida entre capital estrangeiro e burguesias locais em diferentes países latino-americanos. Para tal análise, compreende-se a dependência econômica como uma característica das relações desiguais entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e, nesse sentido, contrapõe-se à ideia de que o desenvolvimento seria um estágio avançado do sistema capitalista a ser alcançado, um ciclo a ser completado, por países apresentados como “atrasados”. Ao contrário, parte-se da premissa de que os países da América Latina possuem funções específicas na economia capitalista global e que estão integrados a esta de modo subordinado e dependente, como apresentado pelos formuladores da Teoria Marxista da Dependência (TMD).

Esse aspecto da produção habitacional dos anos 1960 já havia sido brevemente indicado por Valladares, quando esta, ao explicar os rearranjos institucionais e políticos no combate à favela na Guanabara, como a criação de Associações de Moradores para institucionalizar a relação com a população, sinaliza que:

Todas essas atividades políticas, essa troca de interesses constante, só podiam existir enquanto houvesse condições políticas globais que as estimulassem. Caracterizando-se como área política dependente, qualquer alteração no contexto político geral implicava mudança imediata em seu contexto político particular. (Valladares, 1978, p. 28)

Como sintetiza Ruy Mauro Marini (2013, p. 47), “a história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial”, e a década de 1960 é caracterizada pelo aprofundamento da dependência econômica, um dos aspectos do subdesenvolvimento. Nesse cenário, o aumento da participação do capital estrangeiro, tal como aconteceu através dos investimentos da APP, resulta em uma subtração da mais-valia nacional, o que intensifica a chamada superexploração do trabalho (Marini, 2013, p. 171) – isto é, é da exploração da classe trabalhadora de cada país que sai o quinhão da mais-valia não só das burguesias locais, mas também o do capital estrangeiro. Como Marini indica:

[...] [O] desenvolvimento do principal setor de exportação tende, nos países dependentes, a ser assegurado pelo capital estrangeiro através de investimentos diretos, deixando às classes dominantes nacionais o controle de atividades secundárias de exportação ou a exploração do mercado interno. (Marini, 2013, p. 50)

Assim, a produção habitacional da APP é aqui compreendida como um dos setores explorados pelas classes dominantes nacionais através da aliança firmada com o capital estrangeiro. Pode-se dizer que os conjuntos da APP se alinham à tendência integradora do imperialismo ao facilitarem a difusão de um estilo de vida baseado em mercadorias de

multinacionais, o que Theotônio dos Santos sinaliza como *predomínio da grande empresa* (Santos, 2020, p. 115), ao mesmo tempo em que representaram uma forma de conter os conflitos que emergiam na cidade, ao dispersar núcleos organizados da classe trabalhadora (como aconteceu no Rio de Janeiro) e servir como alternativa conciliatória. Os conjuntos da APP, em suma, conciliavam a expansão urbana para atender à expansão do grande capital, serviam aos processos de especulação financeira das burguesias locais com apoio estatal (Santos, 2020, p. 97) e amenizavam os efeitos da radicalização política e social em curso.

Apesar de Marini e Santos concentrarem suas observações no exemplo brasileiro e não se direcionarem especificamente à questão habitacional, estudos relativos a outros países da América Latina indicam processos similares. Jaramillo e Schteingart (1983, p. 23), ao analisarem a produção habitacional latino-americana entre 1960 e 1980 a partir do exemplo mexicano, notam que houve um aprofundamento da dependência econômica mexicana devido a financiamentos externos para arcar com os gastos públicos em habitação. No exemplo colombiano, os mesmos autores ressaltam que o processo de expansão das cidades e do adensamento habitacional esteve vinculado à transformação na estrutura do financiamento, favorecendo grandes monopólios bancários (Jaramillo; Schteingart, 1983, p. 22).

Da mesma forma, García Peralta Nieto (2016, p. 12) indica que, a partir da APP, o conceito de habitação social no México passou a estar vinculado à ideia de propriedade privada, estimulando a atividade de proprietários de terrenos e produtores de materiais de construção, de modo similar ao observado no Brasil. No caso da Costa Rica, Montes Ruiz e Durán Segura (2019, p. 3), ao discorrerem sobre a cidade neoliberal costa-riquenha a partir de 1980, ressaltam que as bases desta estavam em uma agenda que envolveu, dentre outros fatores, uma política de cooperação internacional colocada em prática pela agência estadunidense *Corpos da Paz* e pelo programa *Aliança para o Progresso*.

Nesse sentido, considerando os processos compartilhados pelos países latino-americanos, podemos entender os conjuntos habitacionais da APP, com uma pequena parcela aqui indicada, como expressões socioespaciais do processo de aprofundamento da dependência econômica latino-americana, isto é, como paisagens dessa dependência. Eles, além de carregarem desde a década de 1960 os símbolos do imperialismo em seus nomes – quantas vilas, cidades, *ciudades*, *ciudadelas*, *colonias Kennedy* não haverá pela América Latina? – e em seu espaço físico – como uma estátua da liberdade na Vila Kennedy, em pleno subúrbio carioca –, adquirem novos aspectos na cidade contemporânea que demandam um olhar mais atento para o processo de produção do espaço urbano para serem decifrados. Isso exige, por sua vez, uma compreensão de que a leitura da paisagem urbana não se restringe a aspectos físicos, morfológicos, visuais, mas exige uma abordagem dialética, que considere as implicações econômicas e históricas.

Os conjuntos habitacionais da APP enquanto paisagens da dependência latino-americana demonstram, assim, como a hegemonia econômica se materializa espacialmente, de modo aliado à fragmentação da história urbana, frente à qual mal reconhecemos os processos que compartilhamos com pessoas de cidades, países vizinhos, sendo necessário juntar os fragmentos dessa história para vislumbrar sua totalidade.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar alguns dos conjuntos habitacionais financiados pela APP na América Latina a partir de sua análise enquanto paisagens da dependência (Ribeiro, 2021), categoria elaborada com base no materialismo histórico-dialético. Essa análise consistiu em aproximar os aspectos históricos e econômicos que resultaram na construção dos conjuntos, de modo a evidenciar os elos entre paisagens urbanas que, a princípio, parecem desconectadas. Esse exercício analítico, ao aplicar a categoria da paisagem da dependência a partir do método materialista, assim, reuniu fragmentos de uma história urbana estabelecida em escala continental e com vínculo direto com o avanço do domínio imperialista.

Isso se evidencia quando relacionamos a história urbana e econômica dos conjuntos com a Teoria Marxista da Dependência (TMD) desenvolvida a partir da década de 1960 por cientistas sociais que analisaram, dentre outros aspectos, as alianças estabelecidas entre as diferentes classes sociais brasileiras e o capital estrangeiro, de modo a explicar os rearranjos econômicos colocados em prática naquele período. A partir dessa abordagem, foi possível perceber como o planejamento urbano e, nesse sentido, também a produção de habitação pelo Estado constituíram um dos campos que participaram do processo de aprofundamento da dependência brasileira, não somente em nível ideológico e comportamental, mas sobretudo econômico através da atividade de órgãos locais, como a COHAB e o INVU, contribuindo para o endividamento nacional (com o aumento da dívida externa) e da classe trabalhadora (com os sistemas de financiamento). Processos similares foram enfrentados por outros países latino-americanos, como indicaram Jaramillo e Schteingart (1983), García Peralta Nieto (2016) e Montes Ruiz e Durán Segura (2019). Tais processos, por sua vez, se mostram materializados nos conjuntos habitacionais, através de nomes de ruas, parques, conjuntos, de uma arquitetura importada, mas também estão assentados no processo de formação de tais paisagens, por vezes não tão perceptíveis no cotidiano das cidades.

Tal investigação, assim, se concentrou nos aspectos histórico-econômicos que constituem a paisagem, de modo a explorá-los como caminho metodológico a partir de uma leitura integrada, sem, no entanto, desconsiderar a necessidade de estudos direcionados à leitura dos conjuntos da APP, por exemplo, a partir de pesquisas de campo. Como indicado, ainda é necessário reunir de modo sistematizado dados sobre outros conjuntos da APP localizados no Brasil e nos demais países da América Latina. Esse processo demanda um esforço coletivo entre pesquisadores de diferentes campos de estudo e países, de modo a enfrentar empecilhos como a escassez de registros e a dificuldade de acesso a documentos, o que tende a variar de país para país. De qualquer maneira, o exercício aqui apresentado indica que os desdobramentos da economia na constituição de paisagens não devem ser esquecidos, se a intenção é compreendê-las a partir de sua complexidade e através de uma análise dialética.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa, e ao PERIFAU/FAU/UFRJ e ao grupo de estudos em Teoria Marxista da Dependência (GE-TMD) da Escola de Formação Política da Classe Trabalhadora – Vânia Bambirra (EFOP) pelas contribuições que permitiram o amadurecimento das ideias expostas neste artigo.

Referências

- ALIANÇA festeja primeiro ano com presente de bilhão a favelas. **Jornal do Brasil**, 1º Caderno, p. 18, 19 ago. 1962.
- ARAVECCHIA-BOTAS, N. Técnica y política en la producción de la ciudad latinoamericana. **A&P Continuidad**, v. 6, n. 11, p. 70-81, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35305/23626097v6i11.231>. Acesso em: 6 fev. 2024.
- BENMERGUI, L. The alliance for progress and housing policy in Rio de Janeiro and Buenos Aires in the 1960s. **Urban History**, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 303-326, 2009.
- CRUVINEL, A. C. F. **Patrimônio e classe trabalhadora: entre o patrimônio industrial e a memória operária no bairro de Bangu**. Orientador: Cláudio Rezende Ribeiro. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- CRUVINEL, A. C. F. **Os conjuntos habitacionais da Aliança para o Progresso (APP) na América Latina**. Orientadora: Sandra de Sá Carneiro. 2023. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociologia Urbana) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- DÍAZ, G. L. **Espacio urbano, género y vida cotidiana: urbanización sociocultural y el ama de casa en la colonia Jardín Balbuena**. 2010. 231 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Politécnico Nacional, Escuela Superior de Ingeniería y Arquitectura, Tecamachalco, México, 2010.
- FORD, B. J. The Alliance for Progress. In: **Honors Projects (History)**, Illinois Wesleyan University, n. 39, p. 1-84, 1968. Disponível em: https://digitalcommons.iwu.edu/history_honproj/39. Acesso em: 6 fev. 2024.
- GAMA, Y. Planning a society: urban politics and public housing during the Cold War in Natal, Brazil. In: ALDERMAN, J.; GOODWIN, G. (ed.). **The social and political life of Latin American infrastructures**. Londres: University of London Press, 2022. p. 101-126.
- GARCÍA PERALTA NIETO, B. **La vivienda y el Estado mexicano durante el siglo XX: un enfoque desde la economía política**. México: UNAM; Instituto de Investigaciones Sociales, 2016.
- GOVERNADOR inaugura 2.500 casas populares da Fundação Leão XIII. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, p. 3, 11 dez. 1962.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- JARAMILLO, S.; SCHTEINGART, M. Procesos sociales y producción de vivienda en América Latina: 1960-1980 (Análisis de casos). **Revista Mexicana de Sociología**, Cidade do México, v. 45, n. 1, p. 11-28, jan./ mar. 1983.
- KENNEDY, J. K. Alianza para progreso = Alliance for progress. **White House**, 13 mar. 1961.
- MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MASSIDDA, A. L. El Parque Almirante Brown y el Team 10 como proceso de apropiación creativa (Buenos Aires, 1961-1976). **AREA**, Buenos Aires, v. 25, n. 1, p. 1-22, 2019.

Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/123651>. Acesso em: 7 fev. 2024.

MIGOWSKI, N. Vítimas da “revolução social” de Lacerda chegam à realidade. **A Luta Democrática**, p. 1-2, 25 jan. 1964.

MONTES RUIZ, A. P.; DURÁN SEGURA, L.. Tres apuntes sobre la ciudad neoliberal en Costa Rica (1980-2017). **RevistArquis** (Escuela de Arquitectura de Costa Rica), San José, v. 5, n. 1, p. 1-23, jan./ jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15517/ra.v8i1.35793>. Acesso em: 6 fev 2024.

NA BASE do cacête. **A Luta Democrática**, p. 3, 1-2 jan. 1964.

NÔVO bairro surge em Bangu para favelados. **Correio da Manhã**, 1º Caderno, 2 nov. 1962.

POVO ganha casa e deixa favelas. **Tribunal da Imprensa**, p. 6, 30 set. 1965.

RIBEIRO, C. R. **Paisagem da dependência no Rio de Janeiro**: história das técnicas para a crítica do urbanismo. 27 f. Projeto de pesquisa – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, T. **Socialismo ou fascismo**: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano. Florianópolis, SC: Insular Livros, 2020.

USAID (EUA). **Remarks of the President at El Bosque Housing Project**. San José, 19 mar. 1963.

VALLADARES, L. P. **Passa-se uma casa**: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.